



## SERÁ POSSÍVEL, NA ATUALIDADE, ESCREVER A HISTÓRIA ANTIGA DA ÁFRICA?

**Maria Regina Candido**

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

medeiacandido@gmail.com

**Alair Figueiredo Duarte**

Universidade Federal do Rio de Janeiro

araltodapaz@ig.com.br

### **Resumo:**

Como construir um olhar alternativo afastado da narrativa eurocêntrica hegemônica, repleto de preconceito sobre o continente africano, considerado uma sociedade primitiva sem escrita, sem passado e sem história? Como analisar a História da África e dos africanos fora do estereótipo da escravidão, doenças e miséria como algo permanente e imutável através do tempo? A partir desses questionamentos, nos propomos apresentar um caminho acadêmico alternativo e democrático.

**Palavras-chaves:** Africanidade  
Mitos Hellenismo

### **Abstract:**

How to construct an alternative look away from the hegemonic Eurocentric narrative, full of prejudice on the African continent, considered a primitive society without writing, without past and without history? How to analyse the history of Africa and Africans out of the stereotype of slavery, disease, and misery as something permanent and unchanging throughout time? From these questions, we propose to present an alternative and democratic academic issue.

**Keywords:** Africanity Myths Hellenism

Para democratizar o ensino, torna-se vital pensar a educação a partir do princípio no qual a sociedade é formada por pessoas que pertencem a grupos étnico-raciais distintos. O Ministério da Educação, comprometido com a pauta de políticas afirmativas do governo federal, aprovou a Lei 10.639/03 que tornou obrigatório o ensino da História da África e a relação com os seus afrodescendentes no Brasil, visando corrigir injustiças, distorções, eliminar discriminações, promover a inclusão social para o pleno exercício da cidadania. A ação tornou-se louvável, porém estamos diante de um impasse sobre como ensinar o que pouco sabemos e que foi silenciado através dos anos. Como construir um olhar alternativo afastado da narrativa eurocêntrica hegemônica, repleto de preconceito sobre o continente africano, considerado uma sociedade primitiva sem escrita, sem passado e sem história? Como analisar a História da África e dos africanos fora do estereótipo da escravidão, doenças e miséria como algo permanente e imutável através do tempo?

A África, além de ser o berço da Humanidade, teve na Antiguidade a vasta produção de saberes em ciências, metalurgia e na religião da qual, nós brasileiros somos herdeiros. O legado da África manteve-se pela oralidade, suas narrativas míticas, crenças e tradições que atravessaram o tempo, contradizendo o discurso de que a África não existiu antes da colonização no século XV. A África Antiga mantém-se atuante junto à África Moderna e Contemporânea como nos aponta a produção de saber científico e literário dos africanos<sup>1</sup> e dos afrodescendentes. A diversidade e a pluralidade da cultura integram o seu vasto continente que se destacam pela sua relevância econômica junto ao cenário mundial. Recentemente, o continente africano foi palco de eventos esportivo e cultural como a Copa do Mundo de 2010, deixando de ser estranha ao Ocidente cujo resultado aponta para inserção da África de forma definitiva no roteiro turístico e econômico do mundo globalizado.

A partir dessas constatações que o Núcleo de Estudos da Antiguidade/NEA/UERJ<sup>2</sup> participa da responsabilidade e compromisso com a formação de cidadãos atuando através da democratização do saber produzido na academia ao trazer para si a responsabilidade em incentivar pesquisas sobre a *africanidade*, ou seja, a possibilidade de construção da História Antiga da África.

---

<sup>1</sup> Os intelectuais africanos tomaram consciência de sua responsabilidade social no processo diaspórico desencadeado pela condição colonial. Daí a identificação de jovens universitários, como Kwame Nkrumah (1909-1972) na Inglaterra, Léopold Sédar Senghor (1906-2001), Cheikh Anta Diop (1923-1986), Joseph Ki-Zerbo (1922-2006) e tantos outros, na França, com o ideário do Pan-africanismo e a orientações culturais e estéticas de valorização da “África negra”.

<sup>2</sup> NEA/UERJ: Núcleo de Estudos da Antiguidade, criado em 1998, atua na democratização do saber produzido na academia, site: [www.nea.uerj.br](http://www.nea.uerj.br) coordenado pela Prof. Associada Maria Regina Candido

Partimos do princípio de que os habitantes da África assim como a sociedade grega converteram a história em narrativas míticas de heróis e deuses. Anansi, mito africano, faz parte do repertório mítico africano ao narrar a expertise de uma aranha que sabe tecer as tramas dos fios como um tecelão, mas que gostava muito de contar histórias, mitos e lendas dos ancestrais africanos. O mito nos aponta que a tecelagem entre os africanos é realizada pelos homens. A partir do estabelecimento de um *campo de experimentação comparada*, verificamos que entre os gregos, a tecelagem era uma tarefa feminina como nos aponta o mito grego de Aracne. As histórias perpassam o tempo através de geração a geração tecidas pelo fio da oralidade. Na África, os Griots se tornaram os responsáveis por transmiti-las aos mais jovens visando manter a memória do passado da comunidade tribal. Os Griots são também conhecidos como os guardiães da palavra, são trovadores, menestréis que usam de linguagem mais simples para a atingir um público mais amplo. A ação dos Griots nos traz a memória a atuação dos poetas *rapsodos* e *aedos* que circulavam pela Grécia cantando as aventuras dos heróis gregos na empreitada de Ulisses e a atuação do herói Aquiles na Guerra de Troia.

Os épicos homéricos da *Ilíada* e *Odisseia* foram cantados por poetas gregos visava manter a tradição dos ancestrais de maneira ágrafas dando a palavra um sentido de sacralidade (DETIENNE, 2003: 14). No entanto no final do período Arcaico uma série de eventos possibilitou novas perspectivas de olhares no universo político, social e religioso. Nesse processo podemos citar o surgimento da escrita, a sistematização filosófica e já no século V a.C. a narrativa histórica acentuará a iconoclastia a propósito dos heróis e dos próprios deuses. Heródoto, atua nessa transição temporal entre o pensamento poético e a sistematização racional inaugurando um método narrativo que irá lhe conferir o epíteto de *pai da História*. Através de suas narrativas é possível analisar histórica e geograficamente os diversos costumes de gregos, citas, persas e africanos e a maneiras de como os não gregos circulavam ou habitavam a região do Mediterrâneo e do Mar Negro.

Heródoto de Halicarnasso vem sendo revisado e reinterpretado por muitos pesquisadores contemporâneo, especialmente, a partir da década de 1990. Seus registros datam o século V a.C. e vem ampliando qualitativa e quantitativamente a historiografia contemporânea diante das suas observações. Dentre os que desenvolveram novas análises a partir da obra de Heródoto podemos citar: François Hartog, *O espelho de Heródoto: ensaio sobre a representação do outro*, 1999.; Catherine Darbo Peschansky, *O Discurso do particular ensaio sobre a investigação de Heródoto*, 1998.; WATERS. K. H. *Heródoto el Historiador: Sus problemas, métodos y originalidad. Fondo de Cultura economia*, 1996.

François Hartog. *Memória de Ulisses: narrativas sobre a fronteira na Grécia Antiga*, 2004 e Cristiano Pinto de Moraes Bispo. *Narrativa, Identidade e Alteridade nas interações entre atenienses e etíopes macróbios nos séculos VI e V a. C.*, 2006.

O discurso de Heródoto aborda a relação envolvendo gregos e não gregos, ressaltando as alteridades das fronteiras antropológicas e por outra perspectiva, resalta os valores que os gregos creditavam aos atos ou atributos considerados virtuosos. O historiador de Halicarnasso euforiza a beleza dos etíopes, tão valorizada e admirada entre os gregos e romanos ao qual podemos encontrar transcrita no modo como os etíopes definiam os atributos da sua realeza.



Uma delas seria a estatura do seu rei, a qual se transforma em um indicativo personificado d ideal de beleza e perfeição dos gregos. Vejamos a narrativa de Heródoto a esse respeito: “*Segundo consta, os etíopes aos quais Câmbises mandou tais presentes são os mais altos e belos de todos os homens. Seus costumes diferem dos de outros povos, especialmente os relativos à realeza; eles julgam dignos de ser seu rei o concidadão considerado mais alto e cuja força seja proporcional sua estatura (...)*”. (HERÓDOTO, III, 20).

Diante da citação de Heródoto, fica evidenciado que a relação entre gregos e etíopes (Imagem nº1) dava-se em uma linha horizontal da igualdade de valores. O discurso disforizante a propósito da condição étnica do africano, como nos afirma o pesquisador Cristiano Pinto Bispo é datado e remonta a era moderna e contemporânea, atendendo a interesses políticos e sociais dos grupos que ocupam as hegemonias político sociais (BISPO, 2006: 16). Segundo Cristiano P. de Moraes Bispo a produção historiográfica abordando as relações entre gregos e africanos na era Clássica é extremamente escassa, composta apenas de algumas referências, dentre os intelectuais que se voltaram a analisar o período, destacamos: Alan Bourgeois, Frank Snowden Jr. e Martin Bernal (BISPO, 2006: 14).

Alan Bourgeois em 1971, escreve a obra *La grece antique devant la negritude*, na qual tece análises sobre grupamentos etíopes inscritos nas documentações helênicas do período Clássico. A questão geográfica das regiões egípcias e cartaginesas são privilegiadas sob o aspecto descritivo mencionando os etíopes através do discurso mítico. Nas narrativas os

etíopes acabam protagonizando e coparticipando da interação política, social entre gregos e africanos. Tais discursos são oportunidade para desmistificar a ideia de que havia uma concepção vertical e hierárquica de raças e etnias na Antiguidade legando alguma centelha de superioridade da raça branca sobre a negra. Na obra entra em evidência a admiração que os helenos teciam sobre os etíopes, fato que pode atestado nos mitos de Mémnon e Andrômeda (BORGOUCEOIS, 1971: 133).

Em conformidade com Pierre Grimal, há divergências quanto a região de Mémnon. Algumas tradições atribuem que o herói é oriundo da Síria, outras vezes à região de Susa e a Bactriana, na Ásia; outras ao Egito e Tebas (GRIMAL, 2000: 302-303). Estas duas últimas regiões não somente nos é pertinente ao tema abordado, tanto quanto serve para descrever a origem de construções colossais. O nome do herói teria permitido nomear o famoso Colosso de Menon, a imensa estátua erigida por Aménotep III, cujo a crença infere que os raios da Aurora ao tocá-la, emitia uma agradável melodia em saudação a sua mãe (GRIMAL, 2000: 302-303).

Mémnon é filho de Eos (a Aurora), com Títono, um dos filhos de Lamedonte e irmãos de Príamo. O herói foi criado por Hespéríde, e tornou-se rei do Etíopes cujos feitos heroicos são narrados através dos míticos combates na Guerra Helênica em Tróia. Pierre Grimal, narra a epopeia heroica descrita no poema *Etiópida*<sup>3</sup>(GRIMAL, 2000: 302). As características físicas dos etíopes entram em destaque de arquétipo de beleza, principalmente, no que tange a tonalidade da pele, cabelos e força observada na sua estatura. Ao longo de seu trabalho, Alain Bourgeois, arrolou os principais documentos textuais gregos para apresentar o olhar que os gregos detinham sobre a África (BISPO, 2006: 14).

Frank Snowden Jr, autor das obras *Blacks in Antiquity: ethiopians in the Greco-roman experience* e de *Before color prejudice*. O pesquisador analisou documentações produzidas pelos gregos e romanos descrevendo as relações destes com os etíopes, desde o século VIII a.C. ao primeiro século da era comum. Os principais assuntos abordados em *Black in Antiquity*, são as evidências físicas atestadas pela documentação textual e arqueológica; além dos contatos entre guerreiros etíopes com gregos e romanos; a representação dos etíopes na mitologia e no teatro greco-romano; etíopes e cristianismo (SNOWDEN, 1970: 364).

---

<sup>3</sup> O *Etiópida* é um épico perdido da literatura grega antiga. Compõem o Ciclo Troiano que aborda a história completa da Guerra de Tróia em suas sagas épicas. A história é contada na Etiópia, cujo a narrativa cronologicamente ocorreria após a narrativa da Ilíada. O *Etiópida* foi atribuída por autores antigos desconhecidos e é atribuído a Arctino, que teria vivido no século VIII a.C.

Em outra obra, denominada *Before color prejudice*, Frank Snowden Jr. ampliou a documentação imagética e textual demonstrando a atuação dos etíopes no contexto africano diante das suas relações com os egípcios. A diferença entre as duas obras é que a primeira se dedica a apresentação dos etíopes e em relação a descrição dos documentos pertinentes ao tema. Enquanto que a última busca analisar as aproximações e contatos entre etíopes e demais grupos étnicos dentro do próprio território africano, além daqueles que estavam nas margens o Mar Mediterrâneo (SNNOWDEN, 1983: 364).

Outro autor que contribuiu para os estudos das relações entre africanos e gregos é Martin Bernal que em seu livro *Black Athena: The afroasiatic roots of classical civilization*, defende que a formação étnica e cultural dos helenos, não se constituiu apenas das contribuições dos grupos indo-europeus. O pesquisador buscou indícios da contribuição dos grupos africanos na formação de Atenas e constatou que foi a partir do século XIX, é que foi gradativamente construído um discurso unilateral quanto a formação étnica dos gregos. Tal discurso privilegiava os registros das migrações indo-europeias para o território Ático e descartou as contribuições africanas nesse processo.

Nesse sentido, possibilitou erigir a falsa ideia de exclusividade europeia na identificação de um berço da civilização ocidental. Ao analisarmos as relações entre gregos e africanos na Antiguidade encontramos novas perspectivas que permitem elucidar o discurso em prol da África, no qual o discurso da inferioridade étnica criou um estereotipo marcado pela cor escura da pele de parte da população africana. .



Imagem nº 2  
Negro e Branco

No século XIX, o discurso disforizado e, por vezes, depreciativo devido a cor da pele negra, serviu como tônica pejorativa em relação a territorialidade, a população nativa, emanções e representações da cultura africana. Na Antiguidade, documentação grafadas, tais como a narrativa histórica de Heródoto, assim como as pinturas em vasos gregos com o conjunto de alabastros e os *Januaform* (imagem nº 2) não demarcam traços de relações preconceituosas nas aproximações entre os grupos étnicos gregos e africanos.

O tema nos remete ao embate do século XX sobre a relação de ascendência entre gregos, egípcios e africanos presente na abordagem de Martin Bernal no livro *Black Athena*, no autor J.A.Roger com *Sex e*

*Race* e na polemica de Mary R. Lefkowitz com *Black Athena, revisited*, reúne autores que questionam sobre presença dos egípcios como fundadores da cultura ocidental, se podemos afirmar que os egípcios eram negros e a presença do racismo.

Na década de 70, o cientista Cheikh Anta Diop retoma esse ponto de vista na obra *The African Origin of Civilization: Myth or Reality* (1974) e *Civilization or Barbarism* (1991), que argumenta que, até a fase final do Paleolítico Superior, somente existiam populações melanodérmicas ocupando as várias regiões do planeta devido a incidência direta sol. As populações leucodérmicas, explicou Diop, com argumentos que uma década depois a genética iria consolidar, são apenas derivações “geográficas” daquelas (Diop, 1991). Frank M. Snowden Jr. Interage com este debate através dos livros *Black in Antiquity* (1970), *Before Color Prejudice* (1991) e o pesquisador Benjamin Isaac no livro *The Invention of Racism in classical Antiquity* (2004) defende que o preconceito no mundo antigo permeava a diferença de cultura e não racial, o autor demarca que o racismo foi o resultado das ideias evolucionistas do século XVIII-XIX. Logo, para um aspirante a pesquisador o tema sobre racismo na antiguidade torna-se um embate que promete fomentar um intrigante e caloroso pesquisa.

Nas comunidades africanas assim como nas sociedades gregas, o termo *philia* define-se como uma relação de parentesco que ultrapassa as relações familiares ao incorporar a comunidade (Lynette Mitchell, 2007:p.10). Aristoteles (Politica, 1280 b) afirma que a relação de *philia* envolve a *koinonia*, ou seja a associação de pessoas fora da relação de parentescos. Entre os africanos a relação de *philia* se materializa através do uso do pente expostos nos cabelos de homens, de mulheres e simboliza um bem de prestígio e de status social. O pente pode ser adquirido através da compra, pode ser presente de um (a) admirador (a) ou presente de casamento. As mulheres de Ghana, de Ashanti e outras regiões usam os pentes como adorno e expressão de riqueza. As figuras que acompanham os pentes simbolizam a virilidade, força e coragem para os homens e a beleza, fertilidade e saúde para as mulheres, por vezes, os pentes apresentam a figura de um casal que pode representar a realeza do reino de Ashanti. O Instituto de Antropologia de Portugal da Universidade de Coimbra publicou o livro *Moçambique, aspectos da cultura material* aonde estão reunidos vários pentes de diferentes regiões africanas. A coleção nos permitir afirmar que os pentes africanos tinham como função social ser um objeto de prestígios formador de alianças, definidor da solidariedade individuais e de grupos de famílias.

A história da África conheceu várias mulheres guerreiras que em várias situações enfrentaram a arena militar e política dos escravistas e colonizadores europeus. De Angola,

temos o exemplo a rainha Nzinga, contemporânea de Zumbi dos Palmares. A rainha foi soberana competente o suficiente para resistir aos domínios dos portugueses e dos holandeses em Angola.(L.Nascimento, 2008, p.79). Os cronistas portugueses nos relatam que os primeiros contatos de Nzinga, rainha da tribo Mbundu com os portugueses, ocorreu no século XV quando ela foi enviada a Luanda na qualidade de embaixadora de seu Irmão. Em 1621, a rainha Nzinga veio em nome do irmão estabelecer a paz com os portugueses. O dialogo com o governador geral de Angola, João de Sousa, resultou um tratado de paz que de fato não vigorou por muito tempo. Entretanto a sua habilidade na negociação causou uma forte impressão no governador e demais autoridades portuguesas, comportando-se como uma líder estrategista (R. Gray,1978,p.353). De seu lado, também deve ter ficado impressionada com o que viu em Angola: construções de pedra, grandes embarcações no porto, mercadorias variadas, comportamentos faustosos e ritualizados cercando o poder.

O que nos chama a atenção foi o fato da princesa africana ter se submetido ao batismo cristão e receber o nome de D. Ana de Sousa (R.Gray,1975,p.354). Tudo indica que Nzinga viu no ato do batismo como uma forma de construir relações pacíficas com os portugueses. Entretanto, o resultado foi efêmero, pois o tratado de paz firmado entre ela e o governador tiveram dificuldades de concretização por ambas as partes. Tal fato resultou no estabelecimento de um novo tratado entre o reino de Nzinga e os portugueses na figura de do governador João de Souza.

Quando se apresentou como embaixatriz em Luanda, o governador português a recebe numa ampla sala onde havia apenas uma cadeira ao qual sentou e para os demais foram ofertadas almofada, inclusive para Nzinga. A princesa, prontamente, recusou a oferta por ofender a sua dignidade real e aciona uma das acompanhantes de sua corte, esta prontamente se ajoelhou e curvou se para que Nzinga pudesse senta-se em seu dorso, eliminando a posição de inferioridade que sutilmente lhe era oferecida pelo governador (G.Jackson-Laufer, 1999, p.310).

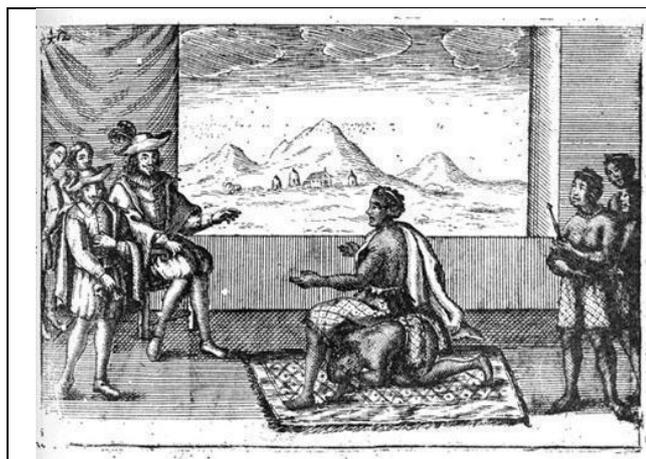


Imagem nº 3 Nzinga e os portugueses

Este ato (Imagem nº 3) despertou o interesse e críticas dos iluministas e cronistas portugueses como a criação de um romance inspirado nos seus feitos (Castilhon, 1769). Nos questionamos sobre o significado para os portugueses e para os africanos o ato de sentar nas costas de uma mulher. Nossa análise nos aponta que a resposta passa pelo conceito de matriarcado africano.

O matriarcado passou a ser definido pela antropologia como forma primitiva de organização familiar (Friedrich Engel, 1943). Pesquisadores europeus defendiam a evolução da humanidade através de etapas como nos aponta a Teoria de Bachofen (sec. XIX) que dialoga com a sociedade grega antiga. No primeiro estágio os grupos humanos viviam em estado de total promiscuidade da parte da mulher, no qual o único parente conhecido da criança seria a mãe. Alcançando o segundo estágio, os grupos humanos se organizam a partir de famílias monogâmicas matrilineares, no qual a relação de parentesco de acesso ao poder passa a ser traçada a partir da linhagem materna. Somente no terceiro estágio que o grupo humano alcança o modelo patrilinear, considerada um estágio avançado, de liderança e superior de organização familiar (Diop, 1989, 06).

O antropólogo Dr. Cheikh Anta Diop (1923 – 1986) examinou os estágios formulados pelos europeus através da Teoria de Bachofen e buscou explicações alternativas a partir da análise de sociedades africanas. Para Anta Diop a teoria da evolução universal carece de base científica ao considerar que o estágio matriarcal como primitivo e o patriarcal como sendo um estágio superior da humanidade (Diop, 1989, p. 21).

Aplicado a continente africano, o autor defende que temos que levar em conta o meio ambiente, ou seja, no norte e regiões áridas da África seria o predomínio do modelo patrilinear

devido a sociedade de pastoreio, de constante transumância e de vida nômade. Neste contexto social a atuação econômica e social da mulher é extremamente reduzida e por vezes causa empecilhos e atrasos nos deslocamentos do grupo quando em estado de gravidez (Diop, 1989 ,p 22).

Nas regiões sul, após o deserto de Saara, temos o predomínio de vegetação abundante e neste espaço social a mulher representa a estabilidade social, está relacionada a produtividade da terra e dos animais. O domínio feminino junto as atividades agrícolas garantem a sobrevivência coletiva do grupo e faz emergir narrativas míticas sobre o seu poder de atuação em prol do coletivo.

A partir desta ótica, podemos retornar a narrativa mítica de Nzinga e compreender que ato de sentar nas costas de uma mulher representava a sustentação da sociedade africana de



Imagem nº 4 Kariatides

base agrária. A materialidade desta perspectiva está nos inúmeros bancos africanos denominados de Kariatides (Imagem nº4), cuja base de madeira detém como representação a figura de uma mulher cujos braços sustentam o assento daquele que comanda. Em sociedades cujo preceito matrilinear domina, o poder e a organização do grupo depende de ativa participação ativa da mulher. Logo, concluímos que podemos realizar pesquisas sobre a História Antiga da África cujas temáticas urgem por abordagem e demonstram uma farta abundância de documentação textual, imagética e cultura material aguardando

o interesse de um- bom pesquisador.

#### BIBLIOGRAFIA

ALEXANDER, Leslie M. *Encyclopedia of African American*. California: ABC-Clio, 2010.

ARISTOTELES. *Politic*. Tradução de H.Rackham. Cambridge: Thr Loeb Classical Library, 1990.

BERNAL, Martin. *Black Athena: The Afroasiatic Roots of Classical Civilization*, (Volume 3). Rutgers University Press, 2008.

BISPO, Cristiano Pinto de Moraes. *Narrativa, Identidade e Alteridade nas Interações entre atenienses e etíopes macróbios nos séculos VI e V a. C.* Universidade Federal do Rio de

Janeiro, Programa de Pós-Graduação em História Comparada (Dissertação de Mestrado, Orient. Profª Drª Maria Regina Candido), Rio de Janeiro, 2006.

BOURGEOIS, Alan. *La Grece Antique Devant La Negritude*. 5º ed., Paris: Presence Africaine, 1971.

MARTINS, M.C. Moçambique: aspectos da cultura material. ( Publicações do Centro de Estudos Africanos), Coimbra: Editora Instituto de Antropologia, 1986.

DETIENNE, Marcel. *Os mestres de verdades na Grécia Arcaica*. Tradução de Andrea Daher. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, 2003.

DIOP, Cheik Anta. *The Cultural Unity of Black Africa*. London:Karnak House, 1989.

GRAY, Richard. *The Cambridge History of African IV*. Cambridge: Cambridge University Press, 1978

GRIMAL, Pierre. *Dicionário de mitologia grega e romana*. Tradução de Vitor Jabouille – 4ª edição – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

HERODOTO. História. Brasília:UnB, 1988.

JACKSON-LAUFER, Guida M. *Women Rulers: throught the Ages an Illusrated Guide*. California: ABC-Clio, 1999

MITCHELL, Lynette, *Panhellenism and the Barbarian in Archaic and Classical Greece*, London: The Classical Press of Wales, , 2007

SNOWDEN, Frank M. Jr. *Blacks in Antiquity: ethiopians in the greco roman experience e Before color prejudice*. Massachussetts and Cambridgde: Hawvard University Press, 1970.

\_\_\_\_\_ *Before color prejudice : the ancient view of Blacks*. Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1983.

**Alair Figueiredo Duarte:** Doutor em História Comparada (2017), pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Mestre em História Comparada (2011), UFRJ e Graduado em Filosofia (2008), Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Atua como professor nos Cursos de Especialização em História Antiga e Medieval da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (CEHAM/UERJ) e, Curso de Especialização em Patrimônio Educação e Cidadania (CEPEC-CMCN/NEA-UERJ).

**Maria Regina Candido:** Possui como formação Doutorado em História Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2001) com estágio na EFA: Escola Francesa de Atenas/Grécia, Mestrado em História Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1995), Graduação em História/UFRJ e Comunicação Social/Jornalismo na Faculdade Estácio de Sá. Atualmente é Professor Associado da Universidade do Estado do Rio de Janeiro/UERJ, coordenadora do Núcleo de Estudos da Antiguidade/NEA/UERJ (P.710/SR-3) e coordenadora do Curso de Especialização de História Antiga e Medieval/CEHAM da UERJ (Lato Sensu).

\*\*\*

**Artigo recebido para publicação em:** julho de 2016  
**Artigo aprovado para publicação em:** julho de 2016

\*\*\*

**Como citar:**

CANDIDO, Maria Regina. DUARTE, Alair Figueiredo. Será possível, na atualidade, escrever a História antiga da África? **Revista Transversos**. “Dossiê: Áfricas e suas diásporas”. Rio de Janeiro, n.º. 10, pp.35-46, Ano 04. ago. 2017. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/transversos>>. ISSN 2179-7528.  
DOI: 10.12957/transversos.2017.29993

